



ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOUSADA
Prova Escrita de **Português**

Ano de Escolaridade: 12º

Grupo I

Depois de ler atentamente o poema responda, cuidadosamente, às questões que lhe são colocadas:

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Bailando no mar!

- 5 Suave, todo o passado – o que foi aqui de Lisboa – me surge
O terceiro-andar das tias, o sossego de outrora,
Sossego de várias espécies,
A infância sem o futuro pensado,
O ruído aparentemente contínuo da máquina de costura delas,
10 E tudo bom e a horas,
De um bem a de um a-horas próprio, hoje morto.

Meu Deus, que fiz eu da vida?

Que noite serena, etc.

Quem é que cantava isso?

- 15 Isso estava lá.
Lembro-me mas esqueço.
E dói, dói, dói...

Por amor de Deus, parem com isso dentro da minha cabeça.

Álvaro de Campos, *Poesias*, Lisboa, Ed. Ática, 196

1. Neste poema, o sujeito poético evoca o passado. Refira os **traços caracterizadores** desse passado, justificando a sua resposta com exemplos do texto.
2. Os quatro primeiros versos são a citação de uma cantiga, retomada, parcialmente, no verso 13.
Explique a **sua função** neste poema.
3. Explicite o **sentido das expressões**: "aqui"(v.5) e "lá"(v.15).
4. Comente o **efeito expressivo** da repetição: "E dói, dói, dói..."(v.17).
5. Analise os **sentimentos do sujeito poético**, relativamente ao presente.

Grupo II

“Ricardo Reis é considerado um homem lúcido e cauteloso, que tenta construir uma felicidade relativa; um misto de resignação e de moderado gozo que não compromete a sua liberdade interior.”

Fazendo apelo à sua leitura, comente e fundamente a afirmação apresentada num texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de **cem a duzentas palavras**.

GRUPO I

1. O passado evocado pelo sujeito poético caracteriza-se como sereno, suave (*"Suave, todo o passado"*), pleno de sossego (*"o sossego de outrora"*), de regras harmoniosas e felizes (*"E tudo bom e a horas"*), um passado "sentido", onde o pensamento não ocupava lugar (*"A infância sem o futuro pensado"*), um tempo de encantamento e despreocupação.
2. Os quatro primeiros versos funcionam como uma espécie de máquina do tempo que transporta o sujeito poético até à infância, são os despoletadores das lembranças e, portanto, de uma certa felicidade nostálgica. A citação presente no verso 13 já desempenha um papel diferente, é uma espécie de grito de dor face a um passado e a uma felicidade irremediavelmente perdidos.
3. *"Aqui"* é o momento presente, é dor, o sofrimento, a incapacidade de viver e ser feliz. *"Lá"* é a infância encantada, é a felicidade perdida, é o espaço do *"tudo bom e a horas"*.
4. A repetição da forma verbal *"dói"* sublinha o sofrimento provocado pela evocação de um passado feliz e impossível de reviver.
5. O presente é o momento do desconforto, da dor, do sofrimento, da incapacidade de viver. Esta dor do presente agudiza-se ainda mais, quando o sujeito poético evoca o passado. Desse confronto entre os dois tempos surge o desespero evidente no último verso do poema.

GRUPO II

A afirmação proposta sintetiza de forma clara e objectiva as características da poesia deste heterónimo pessoano.

Com efeito, da poesia de Reis liberta-se um tom melancólico e triste, motivado pela contenção a que o poeta se obriga, isto é, não se percepção uma felicidade plena nem um prazer autêntico. Tudo parece ser reflectido, sem autenticidade ou ingenuidade, tornando-se até incompreensível que o poeta possa nisso encontrar alguma felicidade. Se esta existe, só pode ser na tal relatividade para que aponta a afirmação, embora não se possa esquecer que a filosofia de vida que defende pode garantir-lhe a liberdade a que aspira.

Contudo, não convém esquecer que Ricardo Reis faz a apologia do presente e reconhece o primado da vida exterior. Propõe uma concepção simples da vida e um gozo moderado do momento presente (*carpe diem* de Horácio), conformando-se com a ordem natural das coisas e com o destino, bem ao gosto dos estoicos. Valoriza o espírito racional e despreza as emoções por poderem ser enganadoras e por não permitirem esquecer o passado e pairarem sobre o futuro.

Mostra-se um ser austero, que recusa construir a sua existência no passado ou num futuro incerto. Acredita e defende que é em cada instante vivido que o homem se realiza e conquista a felicidade possível. É desta forma que procura superar a angústia causada pela consciência da transitoriedade e nulidade do ser, constantemente ameaçado pela efemeridade do tempo.

Tendo consciência da fugacidade da vida e da iminência da morte, faz a apologia de uma filosofia de vida estóico-epicurista que, sob influência de Horácio, postula como regra da conduta humana o viver cada dia, cada instante, de uma forma serena e calma.

• FATALISMO
• AUTODISCÍPULO
• CAVTELOSO

• EPICURISMO

• CARPE DIEM
• ESTOICISMO
• FATALISMO

• CONTROLA OS SENTIMENTOS

• EFEMERIDADE DA VIDA

• FELICIDADE RELATIVA